



Que espécie de "fome" era aquela, indaga o velho Pai cada vez mais convencido da "loucura do filho", que não era satisfeita com a colheita dos produtos da terra lavrada pela própria família, com o pão amassado pelas mãos diligentes da Mãe e das irmãs? O Pai pede a André mais "clareza" nas suas palavras, que ordene o seu pensamento e responda "por que abandonou a família".

André lhe diz que jamais "abandonou" a família: a fuga da casa era uma forma que ele encontrou para poupar a família de vê-lo "sobrevivendo à custa das (...) próprias vísceras"(LA, p. 160), de evitar expor suas carências que não lhe "apaziguavam a fome"; como "queria o (...) lugar na mesa da família" e não o tinha partiu para encontrá-lo em outras "mesas" pelo mundo afora.

O Pai vê nessas palavras de André sintoma de alguma "enfermidade" ("Você está enfermo, meu filho..." (LA, p. 161), pois não condizem com a realidade: jamais faltou pão e outros bens necessários à vida da família, e os pais e irmãos nunca proibiram que André se ausentasse da mesa quando fosse "repartido o pão"(LA, p. 161); ao contrário, continua o Pai, foi quando abandonou a família que a presença dele mais foi sentida por todos eles: como, pergunta o cada vez mais surpreso Pai, foge de casa para encontrar em outros lares, em mesa de estranhos, o lugar que era dele no seio da família?

O Pai não poderia compreender as aspirações do filho, pois André não exigia apenas a presença física na mesa da família, dividindo com os irmãos e os pais o "pão" e outros alimentos para simplesmente sobreviver: André almejava compartilhar com a família seus sentimentos e incertezas, dividir e consumir outro "pão": sua individualidade e liberdade: "... eu só estava pensando nos desenganados sem remédio, nos que gritam de ardência, sede e solidão, nos que não são supérfluos nos seus gemidos; era só neles que eu pensava"(LA, p. 165).

Ele reclama, pois, "direito à vida" (LA, p. 166) e considera o ambiente familiar regido por normas e leis que lhe são "hostis"(LA, p. 166), porque incapazes de saciar e "apaziguar sua fome"; André aspirava à liberdade e a uma vida que não se resumisse a uma cansativa jornada de trabalho na lavoura e outras tarefas domésticas ("Ninguém vive só de semear, pai" (LA, p. 163). O fato de não ter o seu "lugar na mesa da família" levava André a representar, "vivendo na pele de terceiros" (LA, p. 164): como achava isso uma "pantomima"(LA, p. 164), sufocando-o de um modo intolerável, resolveu abandonar a fazenda.

Esse magnífico diálogo não mostra, a meu ver, apenas choque entre "tradição e liberdade", entre as "solenes" leis do patriarca e as exigências de vida e liberdade do filho. Revela, sobretudo, que a histórica luta humana por liberdade e vida dignificante requerem bases materiais maduras para que essas nobres aspirações realizem-se.

André era membro de uma família patriarcal, cujas condições de existência material se erguiam sobre bases precárias e pouco evoluídas: a produção era voltada para o autoconsumo da família e até onde se extrai da leitura do belo romance nem sequer havia excedente de produtos para intercâmbio com outras comunidades camponesas:

"...e é enxergando os utensílios, e mais o vestuário da família, que escuto vozes difusas perdidas naquele fosso, sem me surpreender contudo com a água transparente que ainda brota lá do fundo; e recuo em nossas fadigas, e recuo em tanta luta exausta, e vou puxando desse feixe de rotinas, um a um, os ossos sublimes do nosso código de conduta: o excesso proibido, o zelo uma exigência, e, condenado como vício, a prédica constante contra o desperdício, apontado sempre como ofensa grave ao trabalho; e reencontro a mensagem morna de cenhos e sobrolhos, e as nossas vergonhas escondidas no rubor das faces, e a angústia ácida de um pito vindo a propósito, e uma disciplina às vezes descarnada, e também uma escola de meninos artesãos, defendendo de adquirir fora o que pudesse ser feito por nossas próprias mãos, e uma lei ainda mais rígida, dispondo que era lá mesmo na fazenda que devia ser amassado o nosso pão: nunca tivemos outro em nossa mesa que não fosse o pão de casa, e era na hora de reparti-lo que concluímos, três vezes ao dia, o nosso ritual de austeridade, sendo que era também na mesa, mais que em qualquer outro lugar, onde fazíamos de olhos baixos o nosso aprendizado da justiça"(LA, p. 79)

Os meios de ganhar-se a vida e reproduzi-la em condições mínimas e estáveis eram bastante limitados na família de André, de modo que o coletivo devia, por isso, vir à frente das necessidades individuais. Exigia-se que os membros individuais sacrificassem suas aspirações pessoais a favor das necessidades do coletivo e era o Pai, o patriarca da família (guardião das tradições e das leis familiares), o amálgama que por sua autoridade confere unidade ao todo, disciplina as peças individuais que bem ajustadas podem, assim, garantir a sobrevivência continuada da família.

As rigorosas normas de conduta, de vigilância permanente, a austeridade no trato dos bens da família e também no trabalho do campo não decorriam, como acusava André, de uma imposição brutal da vontade do Pai, mas nasciam das próprias condições da vida familiar: estas eram muito precárias e modestas para permitir que os indivíduos pudessem expressar suas aspirações ao mesmo tempo garantir a sobrevivência familiar.

Se o individual se sobrepusesse ao coletivo corria-se o risco de a vida e a sobrevivência da família fragmentar e degenerar-se; a incontestável autoridade do patriarca, as suas exigências de disciplina no trabalho e nos hábitos, eram necessárias portanto para manter viva a unidade familiar enquanto durasse a mesquinhez na reprodução da existência material da família. Nos sermões do patriarca, antes das refeições, eram sempre repetidas as seguintes palavras:

"...humilde, o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza; só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência, é se entregando a ela que cada um em casa há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um em casa há de fruir as mais sublimes recompensas; nossa lei não é retraindo mas ir ao encontro, não é separar mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também..." (LA, p. 148)

A aspereza do diálogo do Pai e de André demonstra mútua incompreensão: o Pai não entende as ideias do filho, reputa-as de "extravagantes", de "disparates", reflexos de

"perturbações" e até de "murmúrios do demônio" (LA, p. 166 p.168) porque as aspirações de André se realizadas alterariam todo o quadro tradicional da existência familiar, relegando o coletivo a um plano inferior ao do individual, sem que, entretanto, as condições materiais que propiciassem tão dramática mudança ainda estivessem prontas.

André, por sua vez, não compreende também as razões da dureza e rigidez do Pai: considera-o seu "carcereiro" e "algoz" (LA, p. 164) e não se coloca a questão (porque tal como o Pai não está preparado para propô-la) se suas justas e nobres reivindicações são possíveis de ser atendidas por um modo de produção da vida tão modesto e primário; reconhecendo-se impotente diante do poder e da autoridade do Pai, André recorre ao irracional: "...aos derrotados de partida, ao fruto peço já na semente, aos arruinados sem terem sido erguidos, não resta outra alternativa: dar as costas para o mundo, ou alimentar a expectativa da destruição de tudo..." (LA, p. 166); resigna-se passivamente à realidade, na medida em que não podendo mudá-la e sentido-se incapaz de adaptar-se prefere então a destruição de tudo.

Esse é o sentido da conclusão trágica desse notável romance: durante a festa em que a família e amigos comemoravam o retorno de André, aparece Ana surpreendentemente vestida de "dançarina oriental", decorada de adereços e objetos de uma caixa furtada de André e que este ganhara das mulheres que conheceu pelo mundo.

Ao mesmo tempo, o Pai toma conhecimento através de Pedro do incesto e parte furioso com um "alfanje" nas mãos rumo à erótica dançarina, golpeando-a mortalmente: o horror da trágica cena apavora a família e o romance se encerra com os gritos e suplícios da Mãe e filhos. O destino trágico dos personagens centrais de "Lavoura Arcaica" não decorre somente de a relação incestuosa dos irmãos contradizer as piedosas normas ancestrais guardadas com zelo irredutível pelo patriarca.

O conflito entre as aspirações de liberdade e vida dignificantes, representadas por André e Ana e a relação amorosa deles, colidem-se com as condições materiais da vida familiar, inadequadas porque imaturas para realizá-las; a solução desse choque e antagonismo deve, por isso, concluir-se tragicamente. Não é, creio, o incesto (para escândalo de muitos) o núcleo do trágico, mas o conflito insolúvel, nas condições de vida familiar, entre as aspirações de André de "um lugar na mesa da família" e as possibilidades de realizá-las. (É o que ocorre também em outro momento do romance: Ana depois de entregar-se amorosamente a André mergulha num sentimento de pesarosa culpa e recolhe-se na capela da fazenda; André tenta convencê-la do seu amor, mas Ana mantém-se impassível, ajoelhada no altar, rezando indiferente aos apelos de André; este, então, é tomado por uma violenta cólera pela rejeição de Ana e poder-se-ia questionar o ato extremo de André e seu acesso de fúria e impaciência: por que ele não aguardou que os sentimentos culposos de Ana não fossem absorvidos com o tempo? Quem sabe dias depois ela não cederia a seus apelos apaixonados? Se Raduan Nassar tivesse desenvolvido a história conforme estas indagações não teria produzido boa literatura mas um piegas roteiro para novela mexicana: a grande literatura de ficção busca os extremos nas relações humanas, aonde os conflitos podem ser ao máximo explorados, e os personagens são

apenas veículos dessas tensões e forças contraditórias que movem concretamente os homens desde sempre na História.

A JANELA ECONÔMICA é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.